

A PAIXÃO SEGUNDO G.H COMO FERRAMENTA PARA A FORMAÇÃO DO SUJEITO NA EDUCAÇÃO BÁSICA

Alice Duarte de Assis (IC) Maria Luiza Guarnieri Atik (Orientador)

Apoio: PIVIC Mackenzie

RESUMO

Esta pesquisa pretende, através de uma análise literária do livro *A paixão segundo G.H.*, identificar aspectos na obra de Clarice Lispector que possibilitem o sujeito inserido na educação básica a trilhar um caminho para o autoconhecimento, por meio de questionamentos relacionados a uma experiência singular, como ocorre com a personagem G.H. Dado o cunho existencialista que perpassa a obra, recorreremos a alguns conceitos propostos por Jean-Paul Sartre que explicam a questão do ser e sua inserção no mundo. À medida que o sujeito se identifica como interlocutor da obra clariciana tende a conseguir, por meio da leitura, enxergar-se além do ser em-si, que é identificado como seu corpo material, de modo a refletir sobre o seu ser para-si, denominado a capacidade de fazer-se como consciência, tendo assim, um momento de epifania. Essa reflexão pode ser estendida para a educação básica por se tratar de um momento de autoconhecimento e decisões sobre o futuro, levando em consideração a faixa etária dos alunos em questão. Podemos afirmar, de certa forma, que a literatura clariciana, publicada em 1964, tem caráter atemporal, e molda-se ao caráter humanitário de qualquer período. Sendo o professor mediador desse encontro entre leitor e obra, não apenas aspectos históricos da literatura brasileira serão dados nesse momento, mas também, será vista como ferramenta para o autoconhecimento dos discentes em questão.

Palavras-chave: Literatura Brasileira. Existencialismo. Educação Básica.

ABSTRACT

This research aims, through a literary analysis of the book *A paixão segundo G.H.*, to identify aspects in the work of Clarice Lispector that allow the subject inserted in Elementary School to walk a path to self-knowledge, through questions related to a unique experience, as occurs with the character G.H. Given the existentialist nature that runs through the work, we resort to some concepts proposed by Jean-Paul Sartre that explain the issue of being and its insertion in the world. As the subject identifies himself as the interlocutor of the clarician work, he tends to be able, through reading, to see himself beyond being in himself, who is identified as his material body, in order to reflect on his being for himself, called the capacity to become as consciousness, thus having a moment of epiphany. This reflection can be extended to Elementary School because it is a moment of self-knowledge and decisions about the future, taking into account the age group of the students in question. We can affirm, in a certain way,

that the clarician literature, published in 1964, has a timeless character, and is molded to the humanitarian character of any period. Being the teacher mediator of this meeting between reader and work, not only historical aspects of Brazilian literature will be given at this time, but also, will be seen as a tool for self-knowledge of the students in question.

Keywords: Brazilian Literature. Existentialism. Elementary School.

1. INTRODUÇÃO

A disciplina de Língua Portuguesa na LDB n. 5.692/71 (agosto de 1971) era dividida em língua e literatura, com ênfase na literatura brasileira. Na atual LDB n. 9.394/96 houve a divisão de conteúdo em três disciplinas: Língua portuguesa, abrangendo aspectos gramaticais; literatura, que pode abordar literatura brasileira, portuguesa e africana; e redação, que abrange a produção de textos.

A literatura ministrada no Ensino Médio, brasileira e portuguesa, abordando uma visão cronológica das escolas literárias e de seus contextos, não permite ao docente um aprofundamento relevante de ambas, pela falta de tempo, ou seja, o número de hora/aula. Contemplando os períodos literários e seus principais representantes dos movimentos, a Literatura na Educação Básica normalmente, tem foco nos autores mais renomados, como Machado de Assis, Guimarães Rosa, Aluísio Azevedo, Camões, Fernando Pessoa, entre outros. Que são, de modo geral, as leituras propostas pelas listas de vestibulares mais famosos do país.

Os livros, que compõe a lista dos diferentes vestibulares de Universidades Pública e Privada, são basicamente os únicos estudados na Educação Básica, e o caráter humanizador da literatura acaba sendo deixado de lado. Nesse período de descoberta do que é e o que não é literatura, muitos alunos acabam perdendo o interesse, principalmente por serem leituras obrigatórias, quase sempre, as de autores brasileiros.

Entretanto, como podemos constatar nos Parâmetros Curriculares Nacional (PCN), o estudo da gramática é colocado em primeiro plano, como estratégia de produção/compreensão e interpretação de textos. Logo, o estudo da literatura fica restrito à leitura e interpretação.

Desse modo, percebe-se que há pouco tempo para reflexão sobre o que é literatura, e como ela pode ter influência na vida das pessoas. De acordo com Samilly de Almeida, em seu TCC “Clarice na sala de aula: perspectivas de ensino e humanização do leitor” (2013), algumas escolas possuem metodologias ultrapassadas que não dão espaço para o professor inovar além do material didático.

O presente artigo pretende mostrar a importância do estudo da literatura como ferramenta para a formação do sujeito na Educação Básica, elegendo como *corpus* o romance de Clarice Lispector, *A paixão segundo G.H.*, pelo seu viés humanizador e, principalmente, por sua importância na história da literatura brasileira no período modernista.

Sendo assim, encontramos na literatura brasileira, um caminho de reflexão proposto por uma escritora renomada, mas infelizmente pouco estudada na Educação Básica, que transforma suas palavras literárias em um processo de autoanálise e construção. No livro *A paixão segundo G.H.*, publicado em 1964, a reflexão do eu interior que todos nós carregamos

é a temática central. Em uma ficção carregada de subjetividade, os personagens claricianos buscam na sua interioridade compreender o mundo exterior. Assim, sua literatura interage com universo interior dos jovens que estão no Ensino Médio.

2. DESENVOLVIMENTO DO ARGUMENTO

2.1 REFERÊNCIAL TEÓRICO

Antonio Candido no ensaio “A literatura e a formação do homem”, publicado na *Revista Remate de Males*, em 1999, analisa a função humanizadora da literatura e o papel das obras literárias na sociedade. Ao analisar as funções que a literatura pode assumir em relação à formação do indivíduo destaca três funções: a formadora, a social e a psicológica. Quanto à função psicológica, o crítico destaca a sua relação com a fantasia e a imaginação, afirmando que o ato de sonhar e fantasiar é uma faculdade elementar do homem. Assim, quando se considera a função psicológica, deve-se pensar no aspecto humanizador da literatura. Antonio Candido sublinha que:

A produção e fruição desta [função psicológica] se baseiam numa espécie de necessidade universal de ficção e de fantasia, que de certo é coextensiva ao homem, pois aparece invariavelmente em sua vida, como indivíduo e como grupo, ao lado da satisfação das necessidades mais elementares. E isto ocorre no primitivo e no civilizado, na criança e no adulto, no instruído e no analfabeto. A literatura propriamente dita é uma das modalidades que funcionam como resposta a essa necessidade universal, cujas formas mais humildes e espontâneas de satisfação talvez sejam coisas como a anedota, a adivinha, o trocadilho, o rifão. Em nível complexo surgem as narrativas populares, os cantos folclóricos, as lendas, os mitos (CANDIDO, 1999, p. 82-83).

O teórico fala ainda sobre o “conformismo estilístico” vivido no modernismo brasileiro e como Clarice Lispector trouxe um tom raro para a literatura moderna. Marcada pela inovação com uma escrita intimista, voltada para questões existenciais, Clarice Lispector rompe a barreira da ficção com uma temática pouco tratada na época. Maria Elisa de Oliveira, em “Considerações a respeito do existencialismo na obra de Clarice Lispector”, destaca que “quase todos os críticos notaram uma afinidade marcante entre a obra ficcional desta escritora e o existencialismo” (1989, p. 50).

Sabe-se que no período de transição, os adolescentes tendem a procurar uma identidade. “A necessidade de o jovem assumir compromissos e colocar-se frente à vida adulta significa uma profunda mudança de seu papel no mundo, levando-o a questionamentos, dúvidas e incertezas [...]” (SARRIERA; SILVA; KABBAS; LÓPES; 2001, p. 27).

O viés abordado neste estudo é o existencialismo concebido por Heidegger e representado por Jean-Paul Sartre em *O existencialismo é um humanismo*. O homem, em

plena consciência de sua existência, é responsável pelos seus atos, pelas suas escolhas e, pelas consequências que possam surgir advindas delas. Segundo Sartre,

O homem é tão-somente, não apenas como ele se concebe, mas também como ele se quer; como ele se concebe após a existência, como ele se quer após esse impulso para a existência. O homem nada mais é do que aquilo que ele faz de si mesmo: é esse o primeiro princípio do existencialismo (1970, p. 04).

Desse modo, *A paixão segundo G.H.* não traz somente questões existenciais vivenciadas por um personagem-narrador, mas também externa essa problemática, preferencialmente para “pessoas de alma já formada”, como dito pela escritora em seu prefácio. Apesar desse conselho exposto no prefácio do livro, acredita-se que essa obra possa ser utilizada como aparato para pessoas que estão em formação existencial, ou seja, todo ser humano em alguma fase da vida, que reflete acerca de sua existência e que precisa de um objeto para ter o seu momento epifânico, levando-o à súbita compreensão de sua existência, como os jovens na fase de transição da adolescência para a vida adulta.

Frederico Moreira Guimarães, em sua dissertação “Literatura e engajamento em Sartre: um estudo de *Que é a literatura?*”, nos diz:

Para Sartre, a literatura e a filosofia caminham juntas, são linguagens necessárias e complementares no interior de um empreendimento maior, assim como o teatro e seus ensaios políticos, que consiste em repensar a ordem humana no mundo, tendo como pressupostos dois pontos fundamentais: a existência como condição e a contingência como limite. É no interior desses parâmetros que um tal projeto deve se enquadrar. Assim, não é possível compreender o homem a partir de valores superiores. Pois estes fariam a existência perder toda a sua dramaticidade, transformando o homem num fantoche de sua essência, coisa que o existencialismo rejeita categoricamente, como é presumido pela máxima “a existência precede a essência” (2010, p. 98).

Com base nos teóricos acima citados, na teoria existencialista de Sartre e nos conceitos de literatura de Antonio Candido, analisar-se-á a obra de Clarice Lispector de modo a mostrar a literatura como ferramenta humanizadora em sala de aula.

2.2 OS ESTUDOS DE LITERATURA NA EDUCAÇÃO BÁSICA

Sabendo que o estudo da literatura na Educação Básica é restrito a livros e autores requeridos nos vestibulares mais famosos do país, não há uma abordagem ampla dos autores de diversos movimentos literários, tal qual Clarice Lispector. Além disso, verifica-se em estudo das últimas listas de vestibulares que o gênero feminino é pouco solicitado nas leituras obrigatórias, tornando, desse modo, as autoras brasileiras esquecidas, uma vez que é na escola que se ensina sobre os cânones da literatura.

E quando se cita literatura clássica, há de imediato uma resistência dos jovens, pois é vista como erudita e sem aplicabilidades para a atualidade. Porém o que se objetiva com este trabalho é mostrar a esses adolescentes, da 2ª série do Ensino Médio, que a literatura é atemporal, mas além disso, expor o aspecto humanizador que a obra de Clarice Lispector possui.

Para tanto, é necessário que se entenda o que a adolescência significa e como os jovens se situam nesse momento. De acordo com Martins e Almeida (2013, p. 556):

A adolescência, então, deve ser entendida como um período e um processo psicossociológico de transição entre a infância e a fase adulta e que depende das circunstâncias sociais e históricas para a formação do sujeito. Sendo assim, a adolescência é um período/processo em que o adolescente é convidado a participar, dinamicamente, da construção de um projeto seu, o seu projeto de vida. Neste processo, a identidade, a sexualidade, o grupo de amigos, os valores, a experiência e a experimentação de novos papéis tornam-se importantes nas relações do adolescente com o seu mundo. Nessa fase, o adolescente procura se definir por meio de suas atividades, de suas inclinações, de suas aspirações e de suas relações afetivas.

Assim, a relação do sujeito com idade pertinente ao período de descobertas e autoconhecimento com o mundo é muito particular e complexo, sendo necessário momentos de reflexão e aconselhamento. Uma obra literária abre espaços para reflexões, debates e descobertas de novas relações do jovem com a realidade em que está inserido. O professor tem um papel importante enquanto mediador entre a obra e o leitor. Em relação ao romance *A paixão segundo G.H.*, sua leitura possibilita ao jovem leitor apreender aspectos da filosofia existencialista que permeiam a obra e bem como novos caminhos para o autoconhecimento.

2.3 O EXISTENCIALISMO EM G.H.

O homem quando exerce seu poder de escolha no mundo, não apenas faz escolhas para si, mas provavelmente essas escolhas atingirão direta ou indiretamente a vida de outras pessoas. Desse modo, quando o sujeito se forma perante o mundo com suas influências, ele também é influência para a formação de outras pessoas que estão em processo de formação. Formando-se não somente o 'eu', mas também o outro. "Assim, quando dizemos que o homem é responsável por si mesmo, não queremos dizer que o homem é apenas responsável pela sua estrita individualidade, mas que ele é responsável por todos os homens" (SARTRE, 1970, p. 05). Podemos dizer que no existencialismo, a trajetória do homem é considerada como complexa e está sempre em movimento, embora, muitas vezes, o homem possa se deixar capturar pelas armadilhas do cotidiano.

O Existencialismo teve importantes repercussões e sua influência foi significativa em composições musicais, poéticas, teatrais, nas artes plásticas e, sobretudo, na literatura. Muitos escritores tiveram como base de suas criações a filosofia existencialista,

principalmente na França. Em *A paixão segundo G.H.*, parece-nos que no processo de escritura de Clarice Lispector, a filosofia existencialista permeia a obra de forma natural, sem se sobrepor as características da própria escritura.

A subjetividade presente na obra de Lispector traça um caminho propriamente pessoal referente à sua escrita, essa subjetividade, presente em quase toda sua obra, é um dos caminhos traçados pelo existencialismo, levando-nos a entender a obra da autora como existencial ou romance de formação, pois não considera somente as palavras propriamente ditas, mas, também, o caminho do leitor ao encontro de algo que ainda não descobriu em si mesmo.

Em entrevista dada a Júlio Lerner¹, Lispector, quando questionada a respeito da obra que escreveu sobre “O mineirinho”, diz que sua escrita “não altera os fatos”; Júlio Lerner então a questiona do porquê continuar a escrever e ela o responde dizendo: “não quero alterar as coisas, quero desabrochar de um jeito ou de outro”.

Essa resposta nos faz perceber que ela escolhe não formar uma personagem que procura o sentido de sua existência em um súbito de consciência com propósito de alterar as pessoas que leem, mas faz de um modo para que sua obra seja um caminho para a formação de seus leitores, de forma indireta.

Jean-Paul Sartre descreve a ideia de formação do ‘eu’ a partir daquilo que se acredita ser o modelo correto: “De fato, não há um único de nossos atos que, criando o homem que queremos ser, não esteja criando, simultaneamente, uma imagem do homem tal como julgamos que ele deva ser” (1970, p. 05).

O sentimento da personagem G.H., posteriormente estudada neste artigo é precisamente tido como súbito de consciência, mas, além disso, é considerado angustiante conceber a ideia de uma mulher encarando seus medos num momento solitário e, com isso, refletir sua existência. A angústia também é um conceito inserido no existencialismo:

Em primeiro lugar, como podemos entender a angústia? O existencialista declara frequentemente que o homem é a angústia. Tal afirmação significa o seguinte: o homem que se engaja e que se dá conta de que ele não é apenas aquele que escolheu ser, mas também um legislador que escolhe simultaneamente a si mesmo e a humanidade inteira, não consegue escapar ao sentimento de sua total e profunda responsabilidade (SARTRE, 1970, p. 05).

Em conformidade com o excerto, pode-se utilizar Anatol Rosenfeld (2005), em *A personagem e a ficção*, complementando essa ideia, dizendo-nos que “o próprio cotidiano, quando se torna tema da ficção, adquire outra relevância e condensa-se na situação-limite do tédio, da angústia e da náusea” (p. 36).

¹ TV CULTURA. *Panorama com Clarice Lispector*. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=ohHP1I2EVnU>. Acesso em: 11 mar. 2019.

É notável a elucidação a respeito da existência e a essência que Sartre desenvolve:

O que significa aqui dizer que a existência precede a essência? Significa que, em primeira instância, o homem existe, encontra a si mesmo, surge no mundo e só posteriormente se define. O homem, tal como o existencialista o concebe, só não é passível de uma definição porque, de início, não é nada: só posteriormente será alguma coisa e será aquilo que ele fizer de si mesmo (1970, p. 04).

Com base nisso, é perceptível a construção de G.H., personagem principal do *corpus* deste trabalho, alocada no mundo, consciente da sua existência, com suas concepções, suas construções de vida física, porém ainda não sabe que não se encontrou no mundo como ser, e é isto que a narrativa constrói: a sua definição no mundo, o desenvolvimento da consciência humana sobre sua existência através da figura da barata.

Sendo a consciência sempre a consciência de algo, o filósofo francês diz: “[...] toda consciência posicional do objeto é ao mesmo tempo consciência não posicional de si” (SARTRE, 2011, p. 24). Clarice Lispector indica em seu texto que G.H. já conhecia baratas e identificou também as sensações que ela sentia ao ver uma. O momento da ruptura em que se instaura a consciência de si mesma, vem após a consciência “não reflexiva” da barata, tornando-a então, reflexiva: “[...] consciência não reflexiva torna possível a reflexão: existe um cogito pré-reflexivo que é a condição do cogito cartesiano” (SARTRE, 2011, p. 24).

Dito isso, é eminente que a temática existencial permeia a obra estudada neste trabalho, além disso, a conceituação exposta ajudará na compreensão e aplicabilidade da análise feita posteriormente e, também, a alcançar o intuito de utilizar a obra como recurso para a formação do sujeito.

Destacam-se alguns aspectos analisados da obra proposta como ferramenta para a formação do sujeito inserido na Educação Básica. Clarice Lispector abordava, em suas obras, temáticas pouco tratadas tanto na literatura modernista, quanto no momento histórico vivido. O *corpus* deste artigo, como assinalamos anteriormente, é *A paixão segundo G.H.*, publicado em 1964, ano do golpe militar no Brasil. Apesar de Lispector não abordar a temática do momento de resistência, sabe-se que a repressão foi muito grande na nossa sociedade, principalmente entre aqueles que buscavam expor suas opiniões através da arte. Nesse momento, Lispector publica um romance sobre a fragmentação identitária do sujeito e sua busca de autoconhecimento.

A narrativa em primeira pessoa, tornando a prosa quase poética, transporta para o presente as ideias do enunciador, que traz o interlocutor para perto de si mesmo, tentando fazer com que ele sinta de perto a dor da descoberta do eu: “O que os outros recebem de mim reflete-se então de volta para mim, e forma a atmosfera do que se chama: eu” (LISPECTOR, 2009, p. 27). Ao decorrer da narrativa, a escrita de Lispector tem uma forte tendência de aflorar

em seu leitor momentos de reflexão que o levem ao autoconhecimento e, que desenvolvam através da leitura, o discernimento da existência da sua própria consciência.

Para que entendamos o objetivo de utilizar essa obra como ferramenta para a formação do sujeito inserido na Educação Básica é necessário que entendamos a narrativa de Clarice Lispector, assim como, o envolvimento de *A paixão segundo G.H.*, em uma breve análise que nos levará às temáticas existenciais e, também, ao fato do leitor ser quase que um personagem nessa obra, através do forte pedido da narradora: “Enquanto escrever e falar vou ter que fingir que alguém está segurando a minha mão” (LISPECTOR, 2009, p. 16).

Inicialmente vemos a personagem-narrador, G.H.: uma mulher bem-sucedida, escultora, que mora em uma cobertura bem localizada, tem uma vida de padrões elevados, porém nunca se casou, nem teve filhos. Vive uma vida solitária, e é em um desses momentos de solidão em seu apartamento que ela tem seu momento de reflexão e ruptura acerca do ‘eu’.

“Toda compreensão súbita é finalmente a revelação de uma aguda incompreensão” (LISPECTOR, 2009, p. 14). Para que esse súbito instante de compreensão aconteça, G.H. tem momentos de interação com o outro, momentos que enxerga o outro, para assim enxergar a si mesma, levando-nos às questões de alteridade que permeiam a obra. A dissipação do solipsismo² da protagonista vem através do momento em que percebe o outro como seu oposto, pela existência de algumas figuras que estão inseridas na obra. Em seus estudos sobre o *corpus* deste trabalho, Emília Amaral (2005) disserta:

Isto significa que G.H. se conhece e se dá a conhecer por meio de imagens, sendo que o fascínio deflagrado pelo olhar é o elemento que desencadeia seu percurso de rememoração a um tempo ancestral em que ver e ver-se se interpenetram, a imagem do outro, funcionando como condição da percepção da própria identidade (p. 31).

A interação de G.H. com o outro sempre foi precária. Ela não se relacionava muito com a empregada que trabalhava em sua própria casa. Essa é a primeira relação implícita na narrativa: “A lembrança ausente da empregada me coagiu. Quis lembrar-me de seu rosto, e admirada não consegui [...] A lembrança de sua cara fugia-me, devia ser um lapso temporário. Mas seu nome – é claro, é claro, lembrei-me finalmente: Janair” (LISPECTOR, 2009, p. 39). Claramente G.H. estava tão envolvida com sua própria vida profissional e externa ao seu eu, que ela se tratava como as pessoas a tratavam “sou aquilo que de mim os outros veem”, abstendo-se assim da própria vida íntima, da própria casa, de tal modo que atribui a culpa a sua ausência à empregada “[...] ela acabara de me excluir de minha própria casa, como se me tivesse fechado a porta e me tivesse deixado remota em relação à minha moradia” (p.39).

² Segundo o Dicionário de Filosofia é: “O isolamento da consciência individual em si mesma, tanto em relação ao mundo externo quanto em relação a outras consciências”. Disponível em: <https://sites.google.com/view/sbgdicionariodefilosofia/solipsismo>. Acesso em: 19 mar. 2019.

Acima, foi citada a interação pressuposta na obra, através das memórias e ações de G.H. no presente. Outra interação explícita na obra e a mais importante para o processo de fragmentação da personagem é entre G.H e a barata.

Só que ter descoberto súbita vida na nudez do quarto me assustara como se eu descobrisse que o quarto morto era na verdade potente. Tudo ali havia secado – mas restara uma barata. Uma barata tão velha que era imemorial. O que sempre me repugnara em baratas é que elas eram obsoletas e, no entanto, atuais (LISPECTOR, 2009, p. 46).

A súbita descoberta de uma vida além da sua, existente naquele espaço fez com que a escultora começasse a refletir a sua existência. E, durante seu diálogo com seu interlocutor, ela cita uma das razões para tamanha repugnância àquele inseto: “A lembrança de minha pobreza em criança, com percevejos, goteiras, baratas e ratos, era de como um meu passado pré-histórico, eu já havia vivido com os primeiros bichos da Terra” (LISPECTOR, 2009, p. 47).

Além de remeter ao seu passado, a barata atua como sujeito na relação da alteridade e, também, como objeto modificador do sujeito. Há então, a súbita percepção da barata como outro e por meio desse momento, a epifania acerca da consciência de sua existência, não apenas naquele momento, mas por todas as suas vivências anteriores.

Em mim um sentimento de grande espera havia crescido, e uma resignação surpreendida: é que nesta espera atenta eu reconhecia todas as minhas esperas anteriores, eu reconhecia a atenção de que também antes vivera, a atenção que nunca me abandona e que em última análise talvez seja a coisa mais colada à minha vida – quem sabe aquela atenção era a minha própria vida. Também a barata: qual é o único sentimento de uma barata? A atenção de viver, inextricável de seu corpo. Em mim, tudo o que eu superpusera ao inextricável de mim, provavelmente jamais chegara a abafar a atenção que, mais que atenção à vida, era o próprio processo de vida em mim (LISPECTOR, 2009, p. 50).

O inseto é gerador de uma submersão da personagem em si mesma, sendo assim, um não existe sem o outro na narrativa. De acordo com os estudos de Emília do Amaral, “O eu não se relaciona com um tu, mas com um ele que também é. Ação e paixão do sujeito, que se torna agente e paciente, a sua existência é a existência do outro que ele já é em si mesmo” (2005, p. 111).

Apreende-se que esse trajeto percorrido por G.H. é o caminho para a conscientização do ‘eu’ e é através de suas reflexões que se descobre como ser humano livre. A percepção de que as coisas conquistadas não são, a priori, os seus maiores bens, é detectado no momento em que ela percebe que é livre, e que nunca, teve a súbita consciência de refletir sobre si mesma dentro do universo.

Uma rapacidade toda controlada me tomara, e por ser controlada ela era toda potência. Até então eu nunca fora dona de meus poderes – poderes que eu não entendia nem queria entender, mas a vida em

mim os havia retido para que um dia enfim desabrochasse essa matéria desconhecida e infeliz e inconsciente que era finalmente: eu! eu, o que quer que seja (LISPECTOR, 2009, p. 52).

Após a entrega a todos os sentimentos que pôde vivenciar naquele momento, entregue ao ódio à barata, G.H. decide matar o inseto, sentindo-se após isso, instigada a provar o inumano. O ato de matar a barata e sentir-se tentada a provar o insólito branco que saía da morte agonizante, é a brusca coragem de encontrar-se em si, e assim, descobrir outros rumos antes não perpassados da sua existência humana, em busca de algo que durante toda sua vida não havia ainda encontrado. “Entendi que, botando na minha boca a massa da barata, eu não estava me despojando como os santos se despojam, mas estava de novo querendo o acréscimo” (LISPECTOR, 2009).

A barata, objeto modificador da sua perspectiva de vida, indicador da ruptura entre mundo e consciência, é tido quase como uma personagem no romance, porém é na verdade o espaço existencial após a epifania de G.H. ao encará-la.

Há na gênese dos seus contos e romances tal exacerbação do momento interior que, a certa altura do seu itinerário, a própria subjetividade entra em crise. O espírito, perdido no labirinto da memória e da autoanálise, reclama um novo equilíbrio. Que se fara pela recuperação do objeto. Não mais na esfera convencional de algo-que-existe-para-o-eu (nível psicológico), mas na esfera da sua própria e irredutível realidade. O sujeito só “se salva” aceitando o objeto como tal, como a alma que, para todas as religiões, deve reconhecer a existência de um Ser que a transcende para beber nas fontes da sua própria existência. Trata-se de um salto psicológico para o metafísico, salto plenamente amadurecido na consciência da narradora (BOSI, 2012, p. 452).

A partir disso, entende-se que esse momento epifânico está diretamente ligado ao existencialismo. E, para que entendamos o existencialismo nessa obra, é necessário conceituar a epifania para assim, compreendermos o porquê que esse momento é o ápice do percurso de G.H. em busca de sua essência.

A epifania pode ser analisada por dois vieses: religioso e literário. Apesar de existir um forte teor religioso na obra analisada, que trata da trajetória de G.H. a ser vista como a *via crúcis*, utilizaremos o viés literário da palavra. Para Sant’anna (1984), o termo epifania é apresentado como uma vivência usual que acaba mostrando a força que possui através de uma manifestação inesperada. Desse modo, entendemos que, o simples fato de limpar o quarto da empresa e o ato de matar a barata, algo comum na vida de muitas pessoas, torna-se um momento de iluminação súbita para G. H: “Se eu gritasse desencadearia a existência – a existência de quê? A existência do mundo. Com reverência eu temia a existência do mundo para mim” (LISPECTOR, 2009, p. 62).

G.H. busca o clímax em algum momento de sua vida, tudo é morno e insosso. A barata faz com que ela avalie sua vida e repense suas escolhas, causando-lhe nojo, a náusea segundo a teoria de Sartre. Essa náusea é tão profunda e essencial, que causa um momento súbito de ruptura entre o seu ser e o mundo. Ela repensa toda a sua existência e a partir disso, ocorre a transformação do eu.

Esse clímax da obra apreende o momento de despertar da consciência humana da personagem. Com embasamento teórico em Jean-Paul Sartre, Eloísa Nogueira Aguiar em seu artigo “A experiência do “súbito” nas ficções de Lispector e Sartre”, nos diz que:

Para Sartre, a consciência é uma fissura dentro do ser: por ela irrompe o nada no mundo. Através dessa fissura, o ser-para-si pode ultrapassar suas barreiras, caracterizando-se como possibilidade de transcendência do limite, como espontaneidade criadora. As duas dimensões do ser convivem no tempo e constituem a existência humana. A perspectiva de Sartre é materialista, portanto a consciência, por seu caráter intencional, de relação com o mundo, se identifica com o corpo. Devido à sua conotação corporal, o ser-para-si se caracteriza como ação e, portanto, como liberdade. O que caracteriza o ser-para-si é a capacidade de fazer-se. O homem não é “aquilo que é”, ele se faz (2007, p. 469-470).

Desse modo, ao encarar a barata, ao matá-la, e provar a massa branca que saía do inseto advindo de sua morte, G.H. se desprende do ser que era, dos questionamentos que trazia consigo ao entrar no quarto de Janair. Ao passar por esse momento de libertação, ela tira de si o ser-mundo, o ser que se conhecia apenas pelos olhos dos outros, e começa a entrar na consciência de sua existência, da sua essência. Essa liberdade, causada em um momento comum, por uma iluminação advinda do despertar do ser-para-si

O ser em-si definido por Sartre, que materializa as suas ideias acerca da essência humana, é caracterizado pelo físico, tendo sua identidade definida pelo seu corpo, ou seja, qualquer ser ou objeto é considerado um ser em-si. A barata seria, pois, um ser em-si. Desse modo, quando G.H. passa por um momento epifânico, entrando em um momento de ser para-si, ela não se desprende de seu corpo (ser em-si), mas ao tocar a sua consciência, ela entra em contato consigo mesma, assim como entra em contato com outros seres. Nesse momento, ela desperta a sua consciência dentro do mundo, porém ainda não tem a sua identidade definida, pois está na travessia existencial de sua busca. Essa associação entre corpo e alma é definido por Sartre como dualismo psicofísico, mostrando que esse momento de iluminação inesperada não é caracterizado por um momento de sair do corpo, e sim de trajetória de identificação do ‘eu’ dentro de si mesmo. E é exatamente quando mata a barata que G.H. reflete:

É que nesses instantes, de olhos fechados, eu tomava consciência de mim assim como se toma consciência de um sabor: eu toda estava com sabor de aço e azinhavre, eu toda era ácida como um metal na

língua, como planta verde esmagada, meu sabor me veio todo à boca (LISPECTOR, 2009, p. 53).

Quando é dito que a personagem cria a consciência de sua consciência tanto em caráter corpóreo quanto espiritual, estamos ressaltando que, em algum momento de sua trajetória, a consciência da escultora não se identificou com nenhum outro ser na sua vivência, nem consigo mesma, seguindo a sua existência apenas por existir. Nesse momento de ruptura, G.H. se identifica com a barata e é a partir disso que o ser para-si que deseja ser algo no mundo, desperta. A sua consciência começa a buscar a sua essência enquanto corpo material, buscando fazer-se enquanto ser humano.

Como assinalamos anteriormente, para Sartre, o ser humano é responsável pela sua construção como ser para-si, pois a existência precede a essência (1970, p. 04), sendo assim, o 'eu' se forma a partir das experiências vivenciadas e das suas reflexões. G.H. era antes da epifania aquilo que se formou a partir de suas companhias, sua profissão, e é a partir da epifania que ela escolhe tornar-se quem ela quer de fato ser, ela decide descobrir quem é além do seu em-si, além daquilo que os outros veem nela. Em seu monólogo-diálogo, G.H. diz: “[...] o que era eu? Era o que os outros sempre me haviam visto ser, e assim eu me conhecia. Não sei dizer o que eu era. Mas quero ao menos me lembrar: que estava eu fazendo?” (LISPECTOR, 2009, p. 22).

E, após conhecer o outro lado da humanização e, assim, enfrentar o “inferno” como a própria personagem diz, em sua trajetória de autoconhecimento, a personagem-narrador fala sobre a liberdade alcançada através da epifania:

A barata e eu somos infernalmente livres porque a nossa matéria viva é maior que nós, somos infernalmente livres porque minha própria vida é tão pouco cabível dentro de meu corpo que não consigo usá-la. Minha vida é mais usada pela terra do que por mim, sou tão maior do que aquilo que eu chamava de “eu” que, somente tendo a vida do mundo, eu me teria. Seria necessário uma horda de baratas para fazer um ponto ligeiramente sensível no mundo – no entanto uma única barata, apenas pela sua atenção-vida, essa única barata é o mundo (LISPECTOR, 2009, p. 123).

2.4 A LITERATURA COMO FERRAMENTA PARA A FORMAÇÃO DO SUJEITO – EM SALA DE AULA

Como bem assinala Amaral, a obra *A Paixão segundo GH* pode ser considerada como um romance de formação

[...] um romance de educação existencial, como disse Alfredo Bosi. Ele propicia a seu leitor – pelo reconhecimento da própria impotência, pela abdicação de si, espelhando o despojamento ascético da escritora/narradora – um tipo de aprendizagem que, como tudo em seu decorrer, faz-se pelo avesso: o avesso de uma concepção de leitura baseada no distanciamento, na mediação racionalizadora, nas

facilitações redutoras e nas ancoragens classificatórias, o avesso dos valores em que se alicerça a humanidade e a civilização, o avesso de uma visão de vida que se opõe à morte, o avesso, aliás, de todo um sistema de pensamento em que a humanização obscurece a humanidade (AMARAL, 2005, p. 84).

Portanto, o leitor-interlocutor dessa obra de Clarice Lispector a acompanha de perto, sendo quase um personagem durante a narrativa de G.H. Após ter atingido o clímax de seu momento epifânico e assim, atingido a tão esperada liberdade, a personagem-narrador se desvencilha da ajuda que havia pedido ao seu leitor, deixando-o livre também; livre para poder encontrar-se naquela narrativa, para se autoconhecer e, quem sabe, passar por uma iluminação acerca de sua consciência.

E então, ela larga a mão do seu interlocutor:

E eis que a mão que eu segurava me abandonou. Não, não. Eu é que larguei a mão porque agora tenho que ir sozinha.
Se eu conseguir voltar do reino da vida tornarei a pegar a tua mão, e a beijarei grata porque ela me esperou, e esperou que meu caminho passasse, e que eu voltasse magra, faminta e humilde: com fome apenas do pouco, com fome apenas do menos.
Porque, ali sentada e quieta, eu passara a querer viver a minha própria remotidão como único modo de viver a minha atualidade. E isso, que é aparentemente inocente, isso era de novo o fruir que se parecia como um gozo horrendo e cósmico.
Para revivê-lo, solto a tua mão. (LISPECTOR, 2009, p. 123)

A mediação dessa leitura faz com que o indivíduo se desprenda de si mesmo a partir de questionamentos que surgem no decorrer da narrativa.

Quem sabe eu tive de algum modo pressa de viver logo tudo o que eu tivesse a viver para que me sobrasse tempo de... de viver sem fato? De viver. Cumpri cedo os deveres de meus sentidos, tive cedo e rapidamente dores e alegrias – para ficar depressa livre do meu destino humano menor? E ficar livre para buscar a minha tragédia. (LISPECTOR, 2009, p. 24)

Neste excerto, o questionamento é: há de a vida levar um ritmo apressado para se cumprir tudo e alcançar a liberdade ou a liberdade existe agora, enquanto é possível fazer o ritmo da própria vida? G.H. deixa claro na página a seguir que toda a sua pressa de viver não a tornou uma mulher realizada quando diz: “Ajo como o que se chama de pessoa realizada” (2009, p. 25). Assim, o alcance da realização não vem através da construção do ‘eu’ perante a sociedade.

Constrói-se o sujeito para a sociedade, para agradar aos olhos dos outros, para lidar com os abismos do mundo. Não há a valorização da autenticidade do indivíduo. Em artigo publicado pelo jornal digital *El País*, Mariam Subirana diz que “o ocidente criou uma sociedade competitiva em que aspiramos ao sucesso e à excelência, e não se aceita bem o fracasso”, e

que por isso deixamos de passar por fases necessárias para ter êxito nas atividades da vida, moldando assim a identidade do sujeito.

Ainda no artigo “A liberdade de ser você mesmo”, publicado em 2016, a correlação entre as palavras da jornalista e as de Clarice Lispector na ficção mostram como o livro consegue trazer uma reflexão atual para a sociedade:

Tendemos a remoer questões como “Quem sou eu realmente?” ou “Como posso conseguir ser eu mesmo?” Há uma tendência a se martirizar, a funcionar sob crenças que nos bloqueiam e causam estresse ante a mudança e a incerteza. As pessoas muitas vezes se guiam pelo que acreditam que deveriam ser, e não pelo que realmente são. Vivem condicionadas demais pelos julgamentos dos outros e tentam pensar, sentir e se comportar da maneira que o outro pensa que devem fazer. É como se quiséssemos ser quem não somos.³

O condicionamento de ser quem as pessoas almejam, é visto na personagem G.H. quando ela diz se tratar da forma que os outros a tratam:

Também para a minha chamada vida interior eu adotara sem sentir a minha reputação: eu me trato como as pessoas me tratam, sou aquilo que de mim os outros veem. Quando eu ficava sozinha não havia uma queda, havia apenas um grau a menos daquilo que eu era com os outros, e isso sempre foi a minha naturalidade e a minha saúde (LISPECTOR, 2009, p. 25).

Desse modo, ao ler a obra, ou trechos selecionados em sala de aula, deve-se lembrar que os adolescentes apresentam diversidades desde cultural a comportamental, e cada um tomará para si de forma que lhe for mais pertinente o que for citado em sala de aula. Um trabalho interdisciplinar entre disciplinas correlatas também pode ser um caminho para a introdução da obra em questão, tornando o trabalho em conjunto algo diferenciado, propondo reflexões filosóficas e literárias num processo de debate conhecimento literário.

Acredita-se que a sociedade estabelece pré-conceitos a jovens em período de transição e, assim, afasta esse indivíduo, levando-o ao isolamento num período que precisamente teria que ter orientação e mediação nos caminhos posteriores. “Adolescência, hoje, não é mais encarada apenas como uma preparação para a vida adulta, mas passou a adquirir sentido em si mesma” (FERREIRA; FARIAS, 2010, p. 228). Desse modo, são as experiências vivenciadas na vida que os diferenciam uns dos outros, constituindo nesse momento a sua essência dentro de uma sociedade competitiva e criteriosa.

E, assim, um livro inserido no movimento modernista da literatura brasileira mostra-se ser um aparato para essa constituição, sendo também obrigação da escola desenvolver e preparar seus alunos para sociedade, não apenas para universidade e mercado de trabalho,

³ SUBIRANA, Miriam. A liberdade de ser você mesmo. *El País*, 20 mar. 2016. Disponível em: https://brasil.elpais.com/brasil/2016/03/17/eps/1458213301_511715.html. Acesso em: 06 mai. 2019.

mas também a constituir sujeitos conscientes da sua existência, capazes de estabelecer boas relações interpessoais e, além disso, enxergar-se além dos olhos dos outros, instituindo o seu ser todos os dias sem receio do possível julgamento da sociedade.

3. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao iniciar a leitura literária em sala de aula, mostrando o caráter humanizador da obra utilizada, o professor deve estar consciente do “direito de não ler” do aluno, conforme cita Bezerra em seu artigo “A leitura literária em sala de aula: Teoria e prática no Ensino Médio”. Desse modo, é importante que o professor seja mediador dessa leitura durante as aulas de literatura, trazendo interpretações necessárias, trazendo conceitos pertinentes à obra e provavelmente não conhecidos pelos alunos, bem como análises de teóricos acerca do texto, possibilitando melhor entendimento das palavras de Lispector. Além disso, abrir para debate, trazendo concepções da vida real para contextualizar o aspecto humanizador da obra, objetivando assim, a mediação, da mesma forma que G.H., narradora do *corpus* deste trabalho, faz com seu leitor.

Sabe-se que o docente tem um plano de aula a seguir e, em alguns casos, não existe a liberdade de introduzir leituras além das obrigatórias, mas em casos da “liberdade de planejar”, acredita-se que esse momento de mediação possa ser o divisor de águas nos caminhos desses jovens, uma vez que eles precisam ser escutados e, por mais resistentes que sejam, precisam de mentores que os mostrem os sentidos da vida além do material.

Esse contato tem relevância de forma a entender e mostrar que apesar da obra ser pertencente a um momento histórico da literatura, a atemporalidade da obra pode ser tida como caminho para o autoconhecimento em qualquer época da história. Desse modo, esse professor mediador também precisa saber que a obra pode e provavelmente não tocará todos os alunos, independentemente de como for introduzida em sala de aula. Porém é importante lembrar que o objetivo principal que é levar jovens a reflexão, acontecerá, ou não, por meio do romance de Clarice Lispector. Sendo assim, essa narrativa pode ser vivenciada no futuro, durante as transições do sujeito.

Conforme diz Bezerra (2019 apud Pennac, 1992), “o bom livro não envelhece e, por isso, o livro “abandonado” pode ser um dia ser retomado, para rever a opinião anterior que levou ao abandono da leitura e, assim, confirmá-la ou contrariá-la”. Com base no exposto neste artigo, pode-se observar que o viés existencialista permeia toda a obra de Clarice Lispector, não somente *A paixão segundo G.H.* Entretanto, como dito pela própria escritora, não existia em sua escrita um propósito definido. A filosofia existencialista não a influenciou diretamente, principalmente, porque como assinala Éder Alves de Macedo (2014), “o existencialismo, como uma moda, decerto atuou no Brasil superficialmente”. A obra de

Lispector é caracterizada por diversos estudiosos como romance de formação, por justamente trazer esses aspectos antes pouco encontrados na literatura brasileira.

Ao percorrer o caminho proposto no romance estudado, o leitor encontra um objeto que o sensibiliza de forma tão profunda que é através desse “entrar em contato” com a autora por meio das palavras, que ele consegue visualizar um caminho para o autoconhecimento. Em vista disso, esse interlocutor “imaginário” e “passivo” possui o importante papel de acompanhante de G.H. em sua trajetória. E a ele, que G. H. dirige o seu solilóquio. E esse monólogo interior é, sobretudo, dramático.

Portanto, ao propor essa leitura como ferramenta para a formação do sujeito na Educação Básica, conclui-se que como sujeitos da contemporaneidade poderão encontrar no romance clariciano portas de entrada para o autoconhecimento e para a constituição de sua identidade. A travessia de G. H. é a mesma para homens ou mulheres que são movidos pelas questões e não pelas respostas. E, se por um lado questionar é sempre doloroso, por outro permite conhecer mais profundamente a própria existência. Visando, assim, amparar jovens na sua construção identitária para a vida adulta, mesmo sabendo que a construção acontece diariamente, os questionamento e pressões existentes na adolescência podem ter suas cargas diminuídas, propondo a reflexão e cuidado com o eu interior desde a juventude, para assim, tornarem-se adultos reflexivos e conscientes da sua existência.

4. REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Samilly de Araujo. *Clarice na sala de aula: perspectivas de ensino e humanização do leitor*. 2013. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Letras com habilitação plena em Língua portuguesa) – Universidade Estadual da Paraíba, Campina Grande, 2013.

AGUIAR, Eloísa Nogueira. “A experiência do ‘súbito’ nas ficções de Lispector e Sartre”. *Revista Dep. Psicol. UFF*, Niterói, v. 19, n. 2, p. 463-476, Dez. 2007. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S010480232007000200015&lng=en&nrm=isso. Acesso em: 03 mar. 2019.

AMARAL, Emília. *O leitor segundo G.H.* São Paulo: Ateliê Editorial, 2005.

BEZERRA, S. P. “A leitura literária em sala de aula: teoria e prática no Ensino Médio”. In: *Cadernos de Pós-Graduação em Letras*, v.19, n. 1, p. 32-47, 2019. Doi: 10.5935/cadernosletras, v. 19, n. 1, p. 32-47.

BOSI, Alfredo. *História Concisa da Literatura Brasileira*. São Paulo: Cultrix, 1970.

BRASIL. Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs). Língua Portuguesa. Ensino Médio. Linguagens, Códigos e suas Tecnologias. Brasília: MEC/SEF, 2000. Disponível em: http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/14_24.pdf. Acesso em: março 2018.

CANDIDO, Antonio; et. al. *A personagem de ficção*. São Paulo: Perspectiva, 2005.

CANDIDO, Antonio. *Vários Escritos*. São Paulo: Livraria Duas Cidades, 1977. _____. “A literatura e a formação do homem”. *Remate de Males – Antonio Candido*. IEL/Revista do Departamento de Teoria Literária da UNICAMP, p. 81- 89, 1999.

DICIONÁRIO DE FILOSOFIA. Disponível em: <https://sites.google.com/view/sbgdicionariodefilosofia/solipsismo>. Acesso em: 20 abr. 2019.

GUIMARÃES, F. M. *Literatura e engajamento em Sartre: um estudo de Que é Literatura?* Dissertação (Mestrado em Filosofia) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. São Paulo, 2010.

LISPECTOR, Clarice. *A paixão segundo G.H.* Rio de Janeiro: Rocco, 2009.

MACEDO, Éder Macedo. *Dos limites da existência: O existencialismo em A paixão segundo G.H. de Clarice Lispector*. Dissertação (Mestrado em Literatura Brasileira) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2014.

MARTINS, Priscilla de Oliveira; TRINDADE, Zeidi Araújo; ALMEIDA, Ângela Maria de Oliveira. O ter e o ser: representações sociais da adolescência entre adolescentes de inserção urbana e rural. *Psicologia: Reflexão e Crítica*. 2003, v. 16, n. 3, p. 555 – 568.

OLIVEIRA, Maria Elisa. “Considerações a respeito do existencialismo na obra de Clarice Lispector”. In: *Revista Trans/Form/Ação*, Marília, v. 12, p. 47-56, jan. 1989. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S010131731989000100004&lng=pt&nrm=iso. Acesso em: 14 mar. 2018.

SANT’ANNA, Affonso Romano de. *Análise estrutural de romances brasileiros*. Petrópolis: Vozes, 1984.

SARRIERA, Jorge Castellá; et. al. "Formação da identidade ocupacional em adolescentes". In: *Revista Estudos de Psicologia*, Natal, v. 6, n. 1, p. 27-23, jan/jun. 2001. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413294X2001000100004&lng=pt&nrm=iso. Acesso em: 14 mar. 2018.

SARTRE, Jean-Paul. *O existencialismo é um humanismo*. Lisboa: Editora Presença, 1970.

SARTRE, Jean-Paul. *O ser e o nada*. Petrópolis: Vozes, 2011.

SCHOEN-FERREIRA, Teresa Helena; AZNAR-FARIAS, Maria; SILVARES, Edwiges Ferreira de Mattos. Adolescência através dos séculos. *Psic.: Teor. e Pesq.*, Brasília, v. 26, n. 2, p. 227-234, jun. 2010. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-37722010000200004&lng=en&nrm=iso. Acesso em: 27 jul. 2019.

SUBIRANA, Miriam. A liberdade de ser você mesmo. *El País*, 20 mar. 2016. Disponível em: https://brasil.elpais.com/brasil/2016/03/17/eps/1458213301_511715.html. Acesso em: 06 mai. 2019.

TV CULTURA. *Panorama com Clarice Lispector*. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=ohHP1I2EVnU>. Acesso em: 11 mar. 2019.